



# Gaíato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 362 — Preço 1\$00  
25 DE JANEIRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaíato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaíato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário



Aldeia das Dez—O Património dos Pobres gerou este Centro de Assistência Paroquial. Que beleza!

E é assim que há párocos com várias dúzias de casas na sua paróquia e só querem parar quando a última família desabrigada tiver abrigo.

Bom programa. Número certo, não. «Tantas, quantas»—dizia Pai Américo. E o fogo tem-se espalhado.

Muito menos de descrever é a devoção dos que dão. É sempre mais feliz quem dá. Dão a primeira e ficam com a necessidade de dar a segunda. A segunda vai chamar a terceira e por aí adiante.

E então a página dos de presenças tem de ser contemplada de joelhos!



Aquele domingo antes do Natal foi todo Barredo. De manhã, após a missa de comunidade na capela de Fradelos, os Pobres da nossa Conferência começaram a chegar. A sala de leitura transformada em sala de espera. A sala do ping-pong atajalhada de cestos, ceiras e muitos embrulhos com roupa —a matéria das consoadas. Fernando multiplicava-se a preparar a distribuição. De vez em quando eu metia o bedelho mas quase sempre era inoportuno. Calei-me e fui conversar com os Pobres.

O Artur trouxera um acordeão e ia entretendo a miudagem. Entretanto, desfaz-se um pacote de brinquedos. Ó delírio! Todos os vicentinos já têm, ou pretendem, uma sombrizinha no sítio do bigode. Pois era qual deles o mais interessado... a brincar.

A distribuição correu muito bem. Por graça de Deus e intermédio de tantos e tantos que nos ajudam, há anos já que as consoadas não eram tão abundantes. Muitas lágrimas misturadas com sorrisos. Muitos louvores a Deus. Senhora Adorinda não esteve com meias medidas e foi um par de beijos e um abraço em cada qual. Eu também.

Depois do almoço fomos com a nossa furgoneta buscar camas, colchões, consoadas de géneros e roupas e muitas coisas mais que várias pessoas tinham posto à nossa disposição. Nunca gostei tanto da nossa furgoneta tão grande!

De caminho passamos pelas Irmãzinhas da Assunção, na rua do Bonfim, 352. Elas são oficiais do mesmo ofício. Vivem para os Pobres e, às vezes, elas mesmas passam necessidades... de rosto sorridente, sem ninguém saber. Pois fomos por lá deixar a nossa consoada para elas.

Depois seguimos a Gaia, freguesia de Canelas, onde iam ser entregues quatro belas moradias do Património a outras tantas famílias. Senhor Presidente da Câmara estava presente. Ele é vicentino e falou vibrantemente, como tal. Pároco muito feliz. As quatro famílias radiantes. Nós demos graças a Deus.

Comigo iam Fernando, Sedielos, Gaíto e Bombeiro. Regressamos ao Porto. Gaíto e Bombeiro disseram que um cafézito

não ia nada mal. Eu respondi que se eles pagassem... Afinal o café com leite não soube nada mal, mas quem pagou fui eu.

Descemos ao Barredo. O tempo já não deu para a volta completa. A noite fechara. Começamos pelos Mercadores. Na hipótese de quarto onde dorme e cozinha e come aquela família completa, fomos encontrar uma cama nova, toda bonita, onde se regalam avó e neta aqui faladas por Padre Manuel António. O homem da casa, deitado, lia à luz de petróleo.

O ambiente era denso. Fernando começa a desembulhar o que levava. Aos brinquedos as quatro pequenitas esbugalharam os olhos. Fernando ia conduzindo a entrega com muito espírito. Nós estávamos ali em nome do Senhor!

Passámos por outra velhinha no mesmo andar. E por outra ainda. Dois pisos abaixo entra

Cont. na pág. QUATRO

## O que nos dão no TOJAL

Certos e quotidianos são os pedidos de admissão. Não há dia sem eles. Ora, a par da confrangedora história do abandono paternal, alinha quase sempre a ausência do saber primário. Isto espanta-nos. Muitos deles andam na casa dos doze e treze. Demais, em tempos de luta contra o analfabetismo, estes rapazes conseguem furtar-se às vistas e sumir-se não sei como.

Mas, o tempo é remédio. O que não foi cedo, «antes tarde do que nunca». A fazer valer o ditado, sempre aqui funcionaram escolas oficiais. E, com proveito, tradicionalmente apresentamos a exame barbas a rebentar. São os serôdicos, com aquela em tempo próprio.

Actualmente tal não sucede, porque nos reduziram a Posto uma das referidas escolas, acabando por se extinguir de facto esta e aquela, na falta de quem se sujeite a salário tão diminuto. Conservamos, por isso, cerca de quatro dezenas de rapazes à espera de mestre. Já instamos e nada, a meio do ano lectivo! Querendo formar rapazes não encontramos coadjuvação.

Cont. na pág. QUATRO

## PATRIMONIO DOS POBRES

Não é a obra material que fundamentalmente mostra a vitalidade duma obra que é de Deus. Não é; mas pode dizer-nos um pouco daquilo que é.

Também nesta quadra litúrgica, ao olharmos para o Presépio, não sabemos quem é aquele menino reclinado numas pobres palhas. Aparentemente, é um menino filho de gente muito pobre; e mais nada. Mas vamos contemplá-lo à luz divina e descobriremos que é o Filho de Deus.

Esta obra do Património dos Pobres é, à luz natural, uma obra de beneficência como qualquer outra. Mas na realidade não é. Não pode ser. Se o fosse, já não era. Tudo o que é terreno envelhece, caduca. Porém se é terreno, mas alicerçado em Deus, perdura, mesmo que venha o salitre ou a ferrugem.

O Património dos Pobres é uma afirmação permanente da vitalidade de uma obra de Deus. Ninguém, racionalmente, pode duvidar. É uma fonte caudalosa e permanente. Todo aquele que se aproxima mata à sede e rejuvenesce. Parte com a convicção de que, quando tiver mais sede, pode voltar e torna a saciar-se. Tem sido assim. E porque é obra de Deus, continua a ser assim.

De há pouco mais de um ano até esta data, distribuímos aos Párocos, por esse Portugal fora, cerca de dois mil e quatrocentos contos. À razão de cinco por cada moradia, quantas delas foram construídas! Isto dos Párocos que nós ajudamos. E quantos se bastam na sua paróquia e por isso não entram no nosso ficheiro!

Mas se nos choca o número de

famílias abrigadas, quanto nos encanta a grandiosa devoção dos contribuintes. A alegria que cada um sente em poder dar e a tristeza daqueles que não podem dar o que queriam. Oh poema imortal, porque impregnado do divino! Qual é a inteligência humana capaz de compreender coisas tão sublimes?!

Obra de amor. Os Párocos que se deixaram manobrar sentem-se inquietos. Não param. Fazem prodígios que eles mesmos não acreditam. Amam e são amados. O seu povo está a seu lado. Se até agora os não compreendia por não conhecer a sua missão, nesta altura caem-lhe as escamas dos olhos e começa a ver. Hoje, mais do que em qualquer tempo, a Doutrina entra pelos olhos e pela boca.

## Uma frase comum a todos

(Transcrito de «A Defesa da Aldeia»)

Em conversas, em jornais de grande ou pequenina tiragem, em livros de tomo ou simples folhetos, repete-se e torna-se a repetir:

—É preciso dar condições de vida às nossas populações rurais.

Tivemos há semanas no país uma campanha eleitoral. Falou-se, escreveu-se, deram-se entrevistas, fizeram-se acusações, estabeleceram-se planos, diagnosticaram-se muitos males e sugeriram-se remédios. As correntes dividiam-se e subdividiam-se mas concordavam neste ponto:

—É preciso dar condições de vida às nossas populações rurais.

Os senhores da situação e os

São dons de Deus. Se nós os conhecessemos!

São passeios que se não dão; é pão tirado à boca; é modéstia no vestir; é a privação de ter aquilo que se podia ter; é a tristeza de não ter uma casa, compensada pela alegria de contribuir para que outros mais necessitados a tenham.

Quando há poucos anos Pai Américo começou, pedia que se chegasse às cem. Depois animou-se para as mil. Agora estamos perto das duas mil. E estamos certos de chegar a este último número multiplicado por cem, tantas são as famílias sem habitação em Portugal que o censo oficial nos dá. E vamos para as duzentas mil!

Padre Horácio

candidatos pela oposição quando se tratava do problema agrário, da gente dos nossos campos, da nossa pequenina lavoura, das carnes, do milho, da batata, do desemprego rural, da fuga das nossas aldeias, do preço irrisório dos géneros, se considerarmos o que representam em horas de trabalho, repetiam o mesmo disco muito frequentemente. Alguns dos senhores deputados eleitos, uma vez que abriu a Assembleia Nacional, apressaram-se a chamar a atenção dos colegas e da opinião pública para o problema rural. E como não havia de ser assim se alguns deles foram pro-

Cont. na pág. DOIS

# SETUBAL

Numa das últimas visitas aos Pobres deparou-se-me esta pergunta a saltar de lábios inocentes — «Você vem ver os presépios?» Estremeci. É que eu ia mesmo ver os presépios. Presépios reais, autênticos, vivos. Não os dos concursos, montados no esplendor de luzes e pratas, mas sim grutas actuais onde o Cristo vive na pobreza e na indiferença de tantos. Ficou-me gravada aquela pergunta. Meditei. Hoje trago-a para sentires melhor a beleza do que nos dá: — «Você vem ver os presépios?»

A tua oferta para a Casa do Gaiato, ou para os Pobres, adquire o seu pleno valor quando cada homem ou criança que alivia, for para ti o Cristo Vivo.

Visitas deixaram vinte e um. Muitas castanhas para o S. Martinho e dois barris de, água-pé. Vinho de missa de alguém que manda cartão. A Andorinha não nos esquece e manda 40 e mais 100. Da Ourivesaria Pedroso 84\$50 para remédios. A asiática bateu aqui em cheio mas igualmente o carinho da cidade. Ele foram cumprimentos, ele charope, ele visitas, muitas injeções. «Papagaio» no hospital foi centro de muito mimo. Mais visitas e mais 37\$00. O Victória vem cumprimentar-nos no seu aniversário e mimoseia os nossos com bolos, carne e rebuçados que ainda não acabaram, tal a quantidade. De três assinaturas cento e cinquenta. Atenção meus senhores!

Outro dia o Senhor Padre Carlos queixava-se do passamento do «Senhor dos Cobertores» do Porto. Ouçam esta. Vem de Lisboa: «Meus bons amiguinhos, há tempos li o vosso apelo no «Famoso» e sem pretender substituir o «senhor dos cobertores» da cidade do Porto, junto lhes envio a senha de remessa do que por agora se pode arranjar dessa mercadoria». Fui a ver e eram cem cobertores. A carta vem em branco. Não traz assinatura. Diz quem é: — um grande admirador da Obra do Padre Américo.

Aquele senhor não os compra melhores para os seus filhos. É assim que se tratam os Pobres! São assim os verdadeiros admiradores! Admiram e escondem-se por detrás da admiração! Oh doutrina! Oh sublimidade que nos conjunde em arrepios de invisível! A um vendedor mais vinte. Da Reitora do Liceu, roupas e interesse se recebemos. Aumento do ordenado numa anónima, cem. Pelo carimbo do correio sei que é de Setúbal. Ó Rainha do Sado, escondes no teu seio belezas que eu não conhecia!

Mais um assinante que pretende ajustar contas 70\$. Na «Sopeirinha» 50\$ e mais coisas. Não há nomes, não há vaidades, não esperam agradecimentos, há amor. Das Caldas 50\$ para a Conferência. «Para os n/ gaiatos, por alma de minha querida mãe», cem e roupas e calçado. O verdadeiro conceito da caridade! Dar aos homens, como se a Deus, para que Ele alivie um ente querido das suas penas. Duns amigos a

um amigo, 14\$. Cem litros de azeite. O óleo que alimenta a lâmpada do Santuário e os corpos, templos de Deus.

Da Quinta do Anjo, um saco de feijão, vinho, roupas, abóboras e mais cem litros de vinho e cinco de azeite. À porta da Igreja dos Grilos, 50\$. Do baptizado da menina do nosso devotado médico, bolos e 50\$. Vinho do Porto e cem num envelope de luto. Celebrei hoje por quem chorais. Mais visitas e mais cobertores e mais roupa. Foi um chover miudinho de agasalhos que o Natal nos trouxe. Duma conferência vicentina figos e broinhas e farinha.

As fábricas e sociedades conserveiras disputam. Da Alves 3 caixas; da Estrela, uma; da Alonso, uma, da Atlas, uma quantidade de latas, afirmando que é um dever. Vanguarda do pensamento social! Um dever! Da Gargalo duas caixas. «Aos meus queridos gaiatos», cem. Mais sociologia! Na Tijucal mais meias e roupa usada e nova

e broinhas e bolos! Duma senhora, um saco de farinha e um cartão. Doutra uma pequenina lembrança para a ceia do Natal, cem. «Oferta de pobrezinhos», 50\$. Duma associação no cartório dum advogado, 126\$20. No Setubalense, uma lembrança; da SAPEC outra; dos Pachecos outra. Da Papeleria Campos muitos cadernos e artigos escolares. Cinquenta por quatro vezes, são do contributo quinzenal duma senhora amiga que traz mais um mealheiro com 777\$70 para eu abrir e mais roupas; tudo novo! Dum amigo e por suas mãos mais roupa e calçado e brinquedos, uma brazeira, duas mantilhas para as senhoras e uma carrete para as mesmas.

Duma senhora das mais distintas da cidade, uma camisola exterior para cada um e para mim. No mercado setubalense não havia melhor, nem mais lindo! Abel ofereceu a Deus as primícias do seu rebanho! Um sacrifício agradável ao Senhor! Para os pobres o melhor!

Padre Carlos recomendava-me que recebesse de joelhos, das mãos de Deus, esta maré de carinho. Assim tenho feito. Bendigamos ao Senhor!

Padre Acílio

## De como gostei

### das «Cantiguinhas do Zé dos Pobres»

Não devia começar assim, mas começo. Vou falar de quem vive do mesmo amor que Pai Américo. Como ele, um tocado. Deve ter apanhado também «uma martelada». E depois ficou doente. É a sede de valer aos outros que o mata. Em Moçambique quem não o conhece? E cá também já se vai ouvindo. Não sei quem é. Já o vi, mas de papel. Tem ar de desembaraço.

Deve ter sido por isso que arranjou muito tempo disponível na sua vida, como diz no livro, para se dedicar aos Pobres. Quem um dia começou não pode mais parar. Nem estar calado. «Canta na rádio, nos jornais, pede a toda a gente como um desentregado.» E tem muita razão. Quem dá seiscentas refeições por dia aos Pobres, quem recolhe velhinhos necessitados e

## Uma frase comum a todos

(Continuação da 1.ª página)

postos na qualidade de lavradores?

Durante este ano que está a terminar, algumas autoridades eclesiásticas no país apresentaram em público o seu depoimento bem documentado e conclusivo:

—É preciso dar condições de vida às nossas populações rurais.

O quadro das aldeias portuguesas não é animador. Por quanto fica uma arroba de batatas e por quanto se vende? Há freguesias onde não há um único caso de abono de família. Há concelhos onde mais de metade das freguesias não têm telefone. Nisto não há sombra de exagero. Há concelhos onde não gozam dos benefícios de electricidade cinco por cento dos seus habitantes. Também nisto não há exagero algum. Por este andar quando a electricidade chegar a estes lugares da província já se não usa nas cidades e depois continua o mesmo processo... Em todo o mundo e também nos cha-

mados povos cristãos— e nesta circunstância o grande drama— o colossal ergueu-se à custa do mesquinho. E esse colossal não beneficiou ninguém. Foi assim e vai ser pior. Agora que todos andam na competição de chegar à lua, quem olhará para os sacrificados da terra? É preciso que haja trabalho permanente para todos. É indispensável que haja uma retribuição razoável para todos os trabalhadores. Impõe-se imediatamente o descongestionamento dos lugares de trabalho. Há gente demais a mandar. Que seria dum exército que tivesse mais generais que soldados? Toda a gente, todos os jornais clamam que é preciso dar condições de vida às nossas populações rurais. Talvez fosse mais acertado dizer:

—É preciso não tirar condições de vida às nossas populações rurais. Se directa ou indirectamente lhes tirarem nunca mais as dadas. Nunca mais.

PADRE FONSECA

# Agora

Eu não sei por onde começar:

Se por aquele casal fidalgamente cristão, que, pela 4.ª vez (se não me engano), começa o seu ano na nossa Capela, à Missa das 8, e depois participa do nosso café com leite e pão com manteiga e parte, deixando a sua contribuição anual: duas dúzias de contos para duas casas, sem pedido de placa, de localização, de coisa nenhuma. Ou, se pela população de Inharime que um ano mais aparece com os mil escudos do costume para a família da Casa que a mesma população deu ao Pai Américo em 1952. Ou, se pela alegria do casal J. R. E., responsável pela «Casa Pai Américo» de S. Pedro da Raimouda: «Hontem, quando recebi a foto das Irmãs Torcatas, não calcula o nosso contentamento por Deus nos ter dado esta oportunidade de elas poderem dar glória a Deus, e a mim e minha mulher nos dar saúde para lhes fazerem bem.» Ou, se pela alma humilde e confiante que deseja

construir a casa «Lar de Nazaré» e subintitula o seu voto de «Plano à mercê de Deus» e manda 200\$ por 6.ª e 7.ª prestação. Ou, ainda, se pelos operários da Fábrica de Tabacos «A Portuense» que há anos instalaram mealheiros nas diversas oficinas e fazem contas semestralmente, de que agora nos dão o conhecimento mai-lo produto:

«Oficina Soares Ribeiro	1005\$00
» Afonso Cunha	761\$00
» Castro Azevedo	491\$10
» Cruz Magalhães	460\$50
» Pique	122\$00
Contabilidade	121\$50
	2.961\$10

...e se despedem com uma saudação tão própria da Caridade que não morre, nem sequer cansa: «E a «Procissão» continua... «Até ao 1.º domingo de Julho de 1958 em Paço de Sousa, se Deus quiser.» Tome lá outro abraço pelo que nos manda, amigo Manuel, e não se esqueça de bater ao ferrolho no 1.º domingo de Julho. Ou, afinal, se por qualquer dos outros que aqui vão desfilingo pela ordem em que eu pegar nos seus testemunhos de presença.

Passa, pois, aquele Abílio, da Beira, que julgo ser maquinista dos guindastes, mai-lo seus 100\$. E a seguir o Pessoal do Grémio de Panificação com o dobro. E o Assinante 16790 com a 12.ª prestação de 50\$. E os 20\$ roubados ao fumo durante o mês. E o Pessoal da HICA com 2.274\$70, logo seguido pela Administração com quantia igual a que somaram os donativos do seu Pessoal durante o 2.º semestre de 1957: 9.869\$70.

Surge agora o grupo dos avulsos, que muitos deles são afinal, useiros de muita vez. Do Arlindo das patentes tirei 1.000\$ pró Património. Cem de M. E. A. P. de Cascais. Outros 100\$ para telhas e ainda outros «pela felicidade da neta e da Filha» e mais os últimos do Assinante 5938. Mil no Espelho da Moda e não sei quanto de Lisboa, «para ajuda de uma casinha».

É a vez das casas completas. Que afinal logo duas não chegam bem a ser completas, pois vem a dezena em vez da dúzia. Uma destas que se desejava fosse construída em Tomar; e a outra veio da Av. Guerra Junqueiro, «por promessa de minha esposa, numa hora de grande aflição em que Deus mais uma vez nos ouviu. Que Ele seja louvado na sua infinita Misericórdia».

E agora é que são casas inteirinhas. Uma da «R. 5 de Outubro», angariada por uma comissão de moradores e pedida cus toosamente de porta em porta. Outra de S. João da Madeira, chegada pelo cbeque 189.437. Outra, oferecida pela Conferência de N. S.ª do Rosário, do Colégio do mesmo nome, à Boavista. E mais um quartirão de 25, que «ao proceder à distribuição de um legado de meu

J. M.

Cont. na pág. QUATRO

# VISTAS DE DENTRO

O Ano Novo começou sob o signo do crescimento da família. Dia 1, à meia hora, na Igreja do Carvalhido, José Constantino de Jesus e Maria da Conceição disseram-se o sim que a ele o faz dela e a ela dele até à morte.

A trajectória do Constantino sob os nossos tetos foi muito variada. Deu que pensar a Pai Américo e deu-lhe que sofrer. Um dia, porém, chegou a sua hora. Encontrou-se e encontrou o seu caminho. Hoje, com 26



Que Pai Américo os cubra sempre com seu olhar como naquela hora anos, é um funcionário da Barragem da Caniçada, estimado pela Empresa e pelos colegas de trabalho e, mais, é um chefe de família que se constituiu e se deseja sempre à sombra do Lar de Nazaré.

Constantino quis que fosse eu a casá-lo e que almoçasse na «casa pobre, mas limpa» de seus sogros. Eu representava ali toda a família dele. De vez em quando dava-me um abraço e dizia: «Está bem disposto? Eu quero que esteja contente!»

Ora eu já não encontrei o Constantino na Casa do Gaiato. Ele nunca me deveu fosse o que fosse. Porém, naquela hora tão importante da sua vida, eu era a toda a família dele. Daí os abraços e os «eu quero que esteja contente.» Poucas vezes tenho sentido tanto a força da Família!

xxx

Ela aí vai ao lado. A sua carita risonha, muito linda, dizem fotos antigas que é muito parecida com o pai. Amadeu e Maria Cesaltina, lá longe, do Luabo, deixam transbordar a sua felicidade.

«Minha filha tem andado um pouco adoentada. São os dentes. Sairam-lhe ao mesmo tempo quatro.

Mais um Natal. Graças a Deus que já passo o primeiro Natal com a minha filha: Que alegria sinto! A alegria é enorme na minha pequena casa.»

Também na nossa grande casa a alegria é enorme, Amadeu. É tal pelas muitas consolações que Deus nos dá, Ele, Pai de Amor infinito. E torna a sê-lo «pela alegria enorme» de que dão testemunho, tu e outros, que foram do «nosso teto.»

xxx

Um lar que se fundou. O fruto encantador de um lar bá pouco constituído. Agora vou dizer de mais um lar que se prepara.

Festa da Sagrada Família. À Missa toda a comunidade, mais os dois. Não se trata de uns espousais jurídicos. Tampouco de um pedido de casamento à maneira mundana da sociedade que se tem por elegante. É um acto intensamente simples e religioso Diante do Altar de Deus, que é a alegria da verdadeira juventude, Cândido e Ana prometem-se um ao outro e iniciam o seu noivado. Eles namoram-se há dois anos. Para ambos foi este o seu primeiro amor. Agora é o tempo da grande prova, o «noviciado» do passo indissolúvel do casamento.

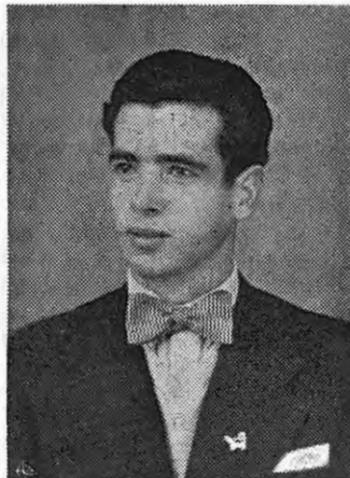
Um noivado cristãmente vivido tem muitos pontos de contacto com o Advento. É tempo de expectativa, cada vez mais ansiosa, em que vai ganhando forma a grande doação. É tempo dos planos concretos sobre o lar futuro, sobre a educação dos filhos. Ele e ela ir-se-ão moldando à forma um do outro, para que depois sejam na verdade *um só*.

Nós queremos muito o casamento dos nossos rapazes religiosamente preparado. E, quando eles são chamados a ficar servindo a Obra, é necessário que elas sejam «cireneus» no seu levar da cruz. Por isso actos como este são vividos por toda a comunidade.

À hora da Comunhão os dois unem-se em Cristo e por Cristo, o Mesmo, o Único, que será até ao fim dos tempos a Fonte inesaurível de unidade.

Depois da Missa, no adro da nossa Capelinha, os irmãos mais velhos, Daniel à frente, ofereceram ao Cândido o anel de noivado, que este pôs no dedo de sua noiva. Um anel muito discreto, com a pérola e os diamantes da tradição. Um anel que vem pesado de amor desde a oficina aonde foi feito.

Cândido e Ana estão um bo-



Cândido Pereira, o que na véspera ficara noivo, foi o eleito.

cadito chocados. Todos os outros da mesma sorte.

Que a graça de Deus Omnipotente seja sempre companheira de todos eles.

xxx

O serviço de cicerones que, tecnicamente falando, anda em grande crise, é, todavia, o de contabilidade mais engraçada e mais pronta de quantas escriturações se fazem cá em casa.

Ora fazem o favor de reparar no balancete:

1957	
Zé Luís	1.976\$40
Tónio	343\$80
Assinaturas antigas	5.808\$00
» novas	525\$00
Baleia	1.181\$80
Nequita	695\$90
Postais (9.420)	23.550\$00
Ofertas	40.505\$00
Melo	400\$40
Planeta	393\$30
Miguel	10\$00
Faisca	44\$00
Padre Carlos	7.008\$80
Esticadinho	61\$00
Preto	629\$80
Quico	485\$20
Livros Barredo (59)	1.180\$00
» Doutrina (55)	1.100\$00
Fagulha	422\$90
Manel Bucha	222\$50
Brasileiro	1.491\$80
Teodoro	168\$30
Leonardo	184\$50
Jornais	267\$00
Acréscimos	55\$20
Russo	171\$50
Padre Manuel	125\$70
Batista	1.081\$90
Prozelo	524\$30
Pai Américo (Campa)	3.469\$20
P. Pobres	190\$00
Guilhufe III	817\$20
Calvário	1.483\$00
Conferência	80\$00
Bombeiro	355\$00
Lampreia	1.660\$00
Marmelo	258\$50
Peixeira	185\$10
Ferro forjado	150\$00
Macaquito	60\$00
Soma	99.322\$00

Chefes: *Fabião, Girafa e Caetano*

Pessoas e coisas em ordem de parcelas muito arbitrária. Nomes próprios e «apelidos». Actividades, como o *ferro forjado*. Pormenores, como os *acréscimos* dos jornais vendidos e a precisão até aos centavos das entregas de cada um.

Como estão vendo os senhores, nem tudo é desordem nesta «desorganização...»!

xxx

Segunda-feira, 13 de Janeiro, à hora das «doutrinas», toda a comunidade se reuniu no salão de festas para o acto solene e muito sério da eleição do chefe maior.

Ocorria a comemoração do Baptismo de Jesus. S. Gregório de Nazianzo lembrava-nos que «Jesus emergiu da água do Jordão levando consigo e elevando o mundo; e que foi visto: não dividir-se, mas abrir-se, tanto para Si como para nós, o Céu, que certo dia Adão fechara após si.»



Ei-la, a filha do Amadeu

A missão de todo o cristão e, muito mais, dum chefe é esta: elevar-se—elevando. Levar consigo para muito alto aqueles que a Providência lhe confiou. Cristo elevou em Si a humanidade inteira. E os homens permanecem estatelados quando se separam dEle.

Eu fizera havia pouco uma certa experiência do mistério da Redenção. Uma experiência amarga por causa de vários e doce por causa de um. E disse.

Depois, fomos aos votos. Cândido Pereira, o que na véspera ficara noivo, foi o eleito, pela

maioria absoluta de 45 em 61 votos. É a segunda vez que é chefe maior.

Uma salva de palmas e o discurso da praxe do novo eleito, que pediu mais palmas para o antecessor e para o segundo votado, que foi o Daniel, e declarou esperar a boa vontade e colaboração de todos no espinhoso cargo de governar.

Hoje à hora da Missa nós dissemos ao Senhor o mesmo recado: que Ele ajude os nossos Chefes e dê a todos os rapazes aquele espírito bom de unidade que tornará menos agudos os espinhos de governar.

## Chales de Ordins

*Ajuda-te, que Deus te ajudará* é uma sentença popular cheia de Teologia. A nossa santificação é obra mútua. Sem Deus, seria uma tarefa impossível. Absurda. Mas também, segundo os planos salvíficos nada poderá fazer sem a colaboração do homem. Este é senhor dos seus caminhos e descaminhos. O dom da liberdade não pode usar-se indiferentemente. Deus respeita-o, mas pedir-lhe-á, um dia, estreitas contas.

Sempre procurei, nas reparações das casas dos Pobres, exigir destes toda a sua cooperação, não só porque os fundos de que, por vezes, disponho são, deveras minguados, como para que meçam, pelo seu esforço, a obra a realizar e, depois, mais a estimem. Maior economia e beleza humana. Pois nesta ordem de ideias a casa de Ti Zulmira não começou, ainda, a ser reparada. Já lá tem saibro, mas não conseguiu, ainda, um carro de bois para trazer a madeira da Serração de Cete. Já bateu a algumas portas... e ouviu um não. Terá de bater a todas, talvez, e de todas ouvir o mesmo não. Só depois lhe deitarei a mão.

Sempre se conseguiu uma casa razoável, para a tecedeira que vivia numa cozinha péssima, onde chovia muito. Fica, agora sob todos os aspectos, bem melhor. Outra vizinhança. Outra renda. Outra casa. «Agora estou no Céu» ouvi-lhe. E parece, tal o inferno em que vivia! Que esta pobre mulher, separada do marido, não esqueça o compromisso assumido, ao entrar para a nova morada: vida limpa e 12 escudos mensais de renda. Que o Senhor a ajude.

Espera-se agora um decréscimo na procura dos Chales. O Natal passou e com ele a ocasião de presentear. O frio, embora intenso, já deve ter prevenido os desprevenidos.

Vila Viçosa, à última hora, lembrou-se de Ordins. Três telefonemas, para receber dois chales em dia de Natal. Um vicentino da Figueira da Foz veio também na última e não foi de mãos vazias. Coimbra encomendou, gostou e tornou. Santa Luzia (Alentejo): «aqui estou a fazer nova encomenda».

Ancião também segue e com 10\$ para a casa da Ti Zulmira. Famíliação, Vizela, Algés, Páco em dia de Natal. Um vicentino da Figueira da Foz veio também na última e não foi de mãos vazias. Coimbra encomendou, gostou e tornou. Santa Luzia (Alentejo): «aqui estou a fazer nova encomenda».

Com a caligrafia já conhecida de quem procura amar o Próximo, à custa de enormes sacrifícios, «500\$00 para 4 chales dos grandes para fazer o favor de dar por mim a 4 velhinhas ou a quem entender mais necessitadas para que Nosso Senhor as agasalhe e a mim me dê conforto moral e espiritual». Pretende-se uma graça do Céu, há muito pedida. Perseverança.

Macedo do Peso regista a oitava encomenda. Porto e Abrigada tornam. *Gostei muito*. Espinho aqui vai. No pino do verão são as suas praias. Agora são as de Ordins.

O Funchal envia 1.000\$ para cha

(Continua na quarta página)

# O que nos dão no Tojal

Na formação profissional deparamos com dificuldades da mesma ordem, na Câmara a que estamos adstritos. As nossas oficinas de labor manual tudo executam somente à custa de suor e boa vontade. O apetrechamento industrial falta, por carência de energia eléctrica. Ora vejamos os senhores em quê e como estão sendo prejudicados os nossos rapazes, cidadãos portugueses, por desdita, sem país.

De resto, o pão de cada dia surge no momento próprio e um pouco mais abundante nesta quadra do Natal. Deus nunca nos deixa esmorecer; os homens sim!

Nas Carrafochas 2.500\$ de promessa. Mão amiga da F. N. P. T. esconde-nos na mão nota de mil. Do Milharado mercearias. De A-das-Lebrês uma refeição completa. De visitantes duas notas de cem.

Para entregar na Curraleira, 150\$. «Por alma de meu marido» 500\$. Fiscais o valor da apreensão. Promessa de Luisa 40\$.

Da Câmara de Loures 3.000\$. O Crédito Predial torna com 150\$. Uma senhora alemã, muito amiga dos batatas, carregou um barril de água-pé e bolos. Mais uma vez, a Mobiloil com 1.815\$ e 1.547\$. Felizes os que se não cansam de amar o próximo!

Mais parcelas de 125\$, 20\$, 50\$ e 100\$. Até um saco de castanhas aqui tem lugar. À mistura de roupas novas e usadas. Não discrimino porque variadas. Mais estola de 50\$ de quem delas vive. A Nestlé marca de novo presença com 180\$. A firma G. Graham contempla-nos com uma nota de mil.

Nas vésperas do Natal a torrente engrossa. Um amigo da primeira hora na R. Buenos Aires manda-nos dez sacos de pão e fatura de bolo-rei, para regalar a malta. Juntamente 500\$. Mil não sei onde e 500\$ no Aeroporto. Para a consoada 50\$. M. A. envia 20\$ e um sobretudo. Outro nas costas dos vendedores. Mais notas de cem com destino a broas, e com elas uma caixa de Port Graham.

Nos C. T. T. de Lisboa 100\$. Nas mãos do Albino 200\$. Visitantes chegam com o fim de tornar mais alegre o Natal dos rapazes. Por isso recebemos o seu dar 20\$, 50\$, 100\$ e 230\$. Dois fardos de bacalhau do respectivo Grémio.

Um senhor da R. Tomás Ribeiro entrega-nos dez contos e não disse quem era. Da Avenida D. Ávila 1.200\$. Mais acções de graças pagas com 50\$. Mais 200\$ na capital e figos de Marmeleiro. No último andar do Montepio cobertores e flanelas, roupas novas e usadas para nós e para os Pobres. Nos C. T. T. 550\$ de Carlota. De Oeiras 160\$. Da Sonap 135\$. Outra vez Luisa com 20\$. A T.W.A com 50\$ e Av. Alvares Cabral com 150\$.

Quem não conhece o cariinho que a Mobiloil nutre pelos gaiatos? Quem? Pois, aí vem ele reforçado com as broas do Natal—2.595\$. Nunca como nesta quadra se irmanam tanto os homens. A razão disto está no Presépio.

(Continuação da 1.ª página)

A Direcção da Escola Patriótica Prazeres entregou-nos 300\$. Mais um pacote de bolos com 500\$. Não faltaram as 50 camisolas das senhoras das ditas: tradição mantida por longos anos e abençoada por certo.

Da Shell 350\$. Da Sacor 400 litros de petróleo. Da Cidla 300\$. Do Grémio do Arroz 500\$. Do Grémio das E. Farmaceuticas 100\$. Roupas dum filho que Deus chamou. Mais dela no Areeiro, em S. Sebastião e na R. José Estevão.

Para o Natal uma vitela. Bem haja quem no Tojal faz favor de ser nosso amigo. Hortaliças de Loures. Uma data de broas. Toucinho da J. N. P. Pecuários e em S. Antão do Tojal. Aqui castanhas encaixotadas.

Uma Rosa com cem. Na igre-

## BARREDO

Cont. da pág. UM

mos em casa de uma viúva muito digna que eu ainda não conhecia.

De novo na rua, foram só duas portas acima, àquele pátio horrível onde morava, dentro do muro, a que uma vez apeteceu um bife e depois conseguimos meter num sanatório, porém, tarde demais, e agora vive no seio de Deus. Uma filhinha que ficou é outra luz no Céu. Agora o marido e o filho são os dois companheiros sobranes daquela família destroçada pela miséria. Naquele pátio horrível há almas misteriosamente encantadoras. Quando nós aparecemos tudo aparece à porta. Conversam. Ninguém pede nada para si. Mas às vezes, pedem uns para os outros. Foi assim aquela noite. «Vá ver um homenzinho que está ali dentro há tanto tempo

## Rádio - Televisão

Há dias, recebeu-se da Rádio Televisão Portuguesa carta a perguntar pela qualidade da recepção dos seus programas. Eu caí em contar e sobre mim caiu em peso este pequeno munhão: «Que dissesse aos senhores que ainda não há cá tal receptor».

Ora eu digo. Mas não deixo de dizer também que, quanto a mim, mais falta, nos faz um gravador.

E, já agora que se fala de coisas de ver e ouvir, eu falo também das queixas do «Sejaquim»: «Ponha no jornal, an de! O piano que temos já era velho, e está nas últimas». Ora o «Sejaquim» é o mestre do crifeão. Nós queremos ir ó Coliseu este ano. Qualquer dia começam os ensaios. Mas sem piano, corjo?

Os senhores têm, pois, a palavra.

ja dos Anjos 120\$. Amigo do Snr. Padre Carlos 50\$ e nas mãos de um gaiato cem.

Reparem agora como este senhor paga a sua assinatura: abre o porta-bagagem e tira peças de fazenda e flanela. Na R. Carlos Mardel 100\$. No Casal de S. Roque outro tanto.

«Foi unindo pedacinhos que fiz esta roupa para aquecer os pequenitos». Duas ceiras de figos de senhora do Montepio. Formiga e colegas 20\$. Mais notas de cem e vinte.

No Lar anónimo entrega 150\$, um arquiteto mil, um casal da Beira-África roupa para a Curraleira e uma senhora 1.800\$ do «meu trabalho honrado». No Lar do Porto 60\$ para o Pobre de Monsanto. Em Peniche deram-nos 1.780\$ em peditório na Matriz. Demos graças a Deus porque tudo ali anda em labaredas altas em prol do Património.

Por graça de Deus esperamos tornar aqui a dizer o mais.

Padre Batista

e não tem cura.» Eu fui e vi uma sombra. Aquele pátio nunca viu a luz do sol. Que admirava que os moradores em vez de homens sejam sombras?!

Pois o marido da tal rapariga que um dia apeteceu um bife e agora está no seio de Deus, não tem trabalho e tem ordem de despejo do «sepulcro» aonde mora. Ele tem pena, por causa da boa vizinhança. Por essa razão também eu. De resto, alegrei-me muito com o despejo e dei-lhe ordem de procurar quarto ali perto para si e para o filho. Eles precisam um do outro. São os dois companheiros sobranes daquela família destroçada pela miséria. É pecado separá-los. Por isso eu quis um quarto ali perto onde durmam os dois. De dia o pequeno ficará com alguém daquele pátio horrível onde moram almas misteriosamente belas.

Este rapaz tem 23 anos. É bom. Todos o atestam e lê-se-lhe no rosto. De resto, ele trabalhou dez anos na mesma casa. Só a crise de trabalho o deixou sem ele. Estes dez anos de permanência na mesma casa confirma o que todos atestam e se lhe lê no rosto. Quem nos ajuda a dar-lhe um emprego que o tire de vez daquele pátio horrível, de onde partiram para sempre a mulher e a filha, e onde eles continuam definhando?

Sáímos: Bombeiro e Sediolos eram os mais faladores. Ambos di-iam o seu desejo antigo de visitar o Barredo e a impressão colhida nesta iniciação. Voltamos ao nosso Lar. Pobre, mas onde não falta quanto uma vida digna exige. Deus queira que o Bombeiro e Sediolos não esqueçam mais esta impressão e façam dela o estímulo perene de acção de graças pela sorte que lhes coube e de apego à luta, para que parecida sorte toque outros irmãos.

# A G O R A

Cont. da pág. DOIS

Querido Marido, não podia esquecer tão simpática e grandiosa Obra que eu muito admiro e venero.»

É do Estoril e vem de mão viva. Assim estão certos os legados.

A procissão de hoje fecham-na os que não podendo de uma só vez, vêm vindo às prestações, maiores ou menores em dinheiro, mas sempre compensadas, na razão inversa, por um grande esforço de paciência e de perseverança.

Casa Candidinha e seu Pessoal—a 14.ª prestação de 400\$. Cinquenta de uma Lourdes para a Casa de N. S.ª desta invocação. Olhem lá as Marias de Lourdes, que o ano do Centenário é este. Se querem a casa para este ano, «é tempo de acordar do sono.» Logo a par vão mais 50\$ para a «Casa de N. S.ª do Carmo» de «Uma Portuguesa» «para quem o dia 16 de Julho representa alguma coisa.» O «Lar de S. José» fechou o ano a meio do caminho. «Oxalá o meu protector me ajude para no próximo ano poder completar.»

Mais uma que já completou: «Amigos:

Junto um cheque na importância de 3.000\$ para pagamento da 4.ª e última prestação para a casa do Património dos Pobres «Seja o que Deus quiser» e peço para continuar incógnito.

E seja o que Deus quiser no novo rumo que tomou a minha vida.

Nesta última prestação encontrei boa compreensão da parte de minha mulher pois que acabo de me casar. Espero se Deus nos ajudar, continuarei a aparecer minorando com algumas migalhas o sofrimento dos pobres.»

Eu poderia dizer: Deus abençoe o Vosso Lar... Mas não. Ele já estava abençoado, quando lhe construístes os alicerces! «Que o divino auxílio permaneça sempre convosco.»

A «Casa a minha Noiva» também já terminou com uma bolada de 1.500\$ enviada em 31 de Dezembro.

Helena apareceu em Dezembro com 200\$ e já em Janeiro com outro tanto.

A «Casa de M. M.—A. L.» está na última demão. Desde o último «Agora» vieram duas cartas com 1.000\$ cada.

O do «plano decenal», em passo miúdo, mas certo, nunca falha. Mais 100\$ da última prestação do 3.º ano. São só mais sete!

A «Casa do António e do Fernando» vai na 22.ª prestação. Duma assentada vieram logo quatro.

Dois novos «devotos» aparecem na Procissão: É a «Casa Cristina Passos» com 1.000\$ e a «Casa Fernando e Manuela» com o dobro. A «Casa Maria de Nazaré» fica em 4 mil. «Um Casal de Luanda» inicia-se também com 700\$. «Fazêmo-lo para exprimir o nosso contentamento, que nos foi proporcionado há sete meses, pelo nascimento do

nosso primeiro filho. Queira Deus que ele continue a ser saudável e que seja sempre um digno filho de Nosso Senhor.»

Assina-se «Um Pobre Pecador.» Quem pode calar estes gritos de coração?!

Mais 20\$ para a «Casa dos Professores Primários» e 1000\$ para a «Casa de N. S.ª de Fátima»: «A vida hoje está difícil mesmo para os considerados remediados como é o meu caso. Não podemos nem devemos, no entanto, esquecer a atribulada vida dos Pobres. Por isso, mesmo com algum sacrifício, temos o dever de ajudar as Obras criadas pelo nosso querido e sempre lembrado Padre Américo.» Quem dera que todos estivessem como este num caminho da Verdade!...

E a Procissão, hoje, encerra com dois novos começos.

A «Casa Lena e Jorge» com 7.700\$ e uma carta que é um poema de amor familiar. E estoutra carta do Porto, 6 de Janeiro:

«Desde a primeira hora da grande Obra do Património dos Pobres, que desejei nela colaborar. Não tendo sido realizado o primeiro projecto por falta de Vicentinos no lugar, e, até hoje sem possibilidades financeiras de efectuar o que desejava, não querendo perder mais tempo e animado pelo último número do Gaiato, desde já vou passar a contribuir para a mesma.

Assim, junto o talão de depósito hoje feito de 1.000\$, mensalidade que, se Deus me der vida e me continuar a ajudar, espero fazer todos os meses, durante quinze anos. São destinados à construção de quinze casas para o Património, a que seria dado o nome de ROSÁRIO — PAI AMÉRICO.

Este ano os depósitos serão feitos em nome de: ANUNCIAÇÃO.

Para já só me desgosta o ter de esperar 15 anos. Deus permita que os próximos números do Gaiato animem a quatorze adesões semelhantes.

Anunciação»

Deus queira que sim.

## Chales de Ordins

Cont. da página TRES

les. Como no ano passado, assim neste tornou, O Liceu de D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, torna uma vez mais. Sábara e Cova da Iria seguem também.

Aquele Professor amigo da Faculdade de Farmácia do Porto voltou. Ora leiam: «acabam de sair os alunos aqui do laboratório onde vieram para me trazer o dinheiro de cheles já vendidos e nova encomenda de mais alguns, encomenda que junto envio, com o pedido de que dêem pronta execução». E tudo foi atendido com prontidão.

Pede-se para enviarem os pedidos directamente à Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa, acompanhados do respectivo vale de 65\$, 95\$ e 125\$, ou o mais que depois se verá.

Padre Aires

Visado pela  
Comissão de Censura